

BOLSAS	BOVESPA	A-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO	
Na quinta (em %) -0,09 São Paulo -0,04 Nova York	Índice da Bovespa 40.914 27/11 28/11 29/11 30/11	Título da dívida externa brasileira, na quinta US\$ 1,117 (▲ 0,27%)	Quinta-feira (em R\$) 2,164 (▼ 0,23%)	Últimas cotações (em R\$) 23/novembro 2,16 24/novembro 2,17 27/novembro 2,19 28/novembro 2,18 29/novembro 2,16	Turismo, venda (em R\$) na quinta-feira 2,869 (▲ 0,63%)	Na BM&F, o grama (em R\$) R\$ 45,250 (▼ 0,54%)	Prefeito, 33 dias (em % ao ano) 13,15%	IPCA do IBGE (em %) Junho/2006 0,21 Julho/2006 0,19 Agosto/2006 0,05 Setembro/2006 0,21 Outubro/2006 0,33

POLÍTICA ECONÔMICA

Economia - Brasil

Economia cresce apenas 0,5% no terceiro trimestre e derruba projeções para o ano. Na média, desenvolvimento durante o primeiro mandato de Lula vai ficar praticamente igual ao do governo Fernando Henrique Cardoso

Jogo quase empatado

LUÍS OSVALDO GROSSMANN
E MARCELO TOKARSKI
DA EQUIPE DO CORREIO

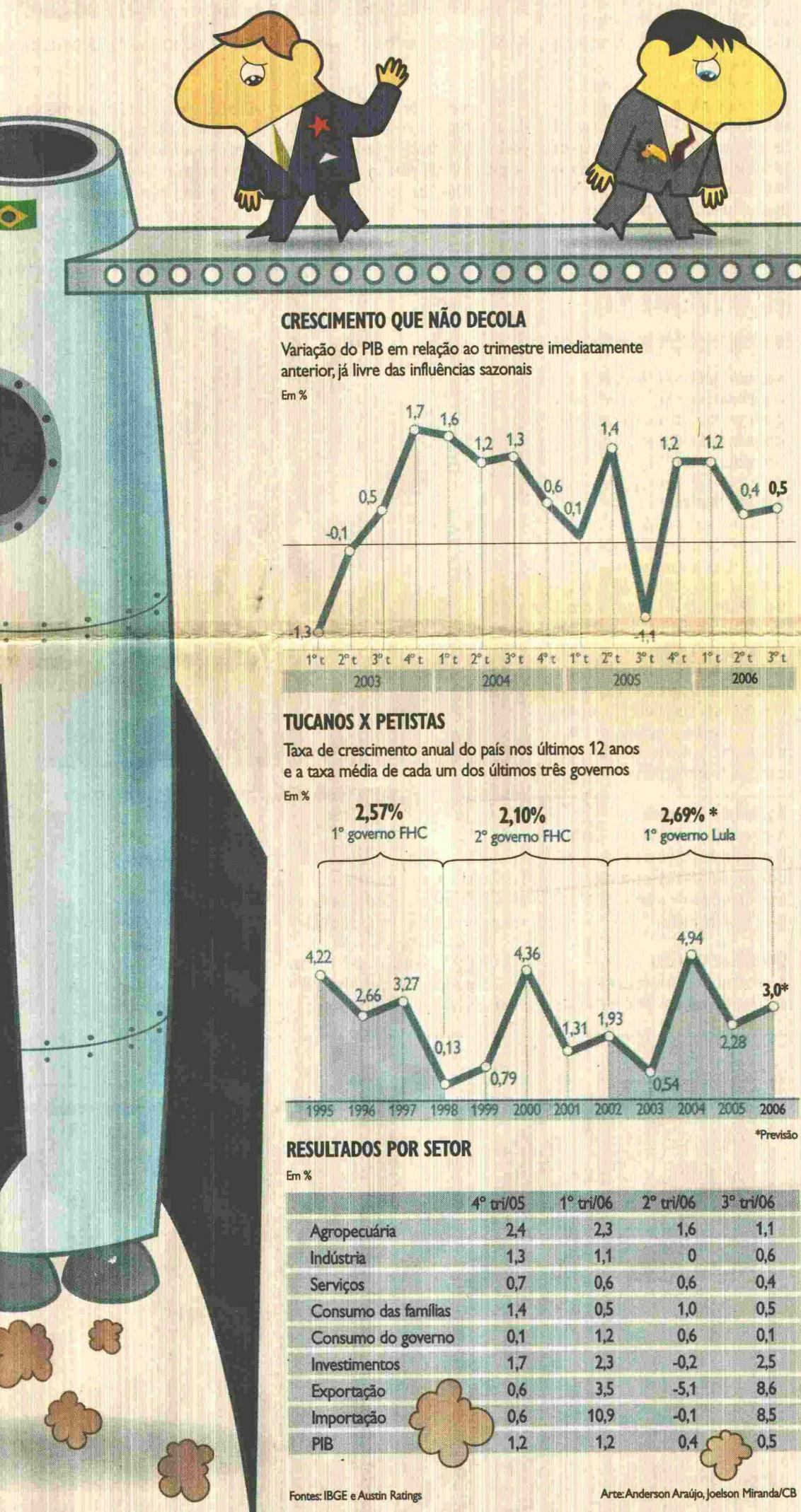
Como esperavam os analistas, a economia brasileira voltou a decepcionar no 3º trimestre de 2006. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu apenas 0,5% em relação ao trimestre imediatamente anterior. No acumulado do ano, a alta chega a 2,5%, caindo para 2,3% nos 12 meses terminados em setembro. Para os economistas, é muito difícil que o PIB cresça os 3,2% previstos pelo governo. Nem mesmo os 3% projetados pelo mercado financeiro estão garantidos. Para que isso ocorra, a economia precisa dar um salto de 1,5% no último trimestre, desempenho que não ocorre desde os primeiros três meses de 2004 (veja gráfico), ano em que o país cresceu quase 5%.

Os números enterram de vez uma promessa feita pelo presidente Lula no final do primeiro ano de governo. O dito "espetáculo do crescimento", que chegou a dar as caras em 2004, definhou nos dois anos seguintes. Na média dos quatro anos de mandato Lula, a economia deve crescer 2,69%, mero 0,12 ponto percentual acima da média do primeiro mandato FHC (2,57% ao ano). O desempenho é superior ao do segundo governo tucano (2,10%), mas está longe de ser um espetáculo. Nas palavras do próprio presidente, 2006 já é passado. "Agora estou pensando em 2007, 2008, 2009 e 2010. Tenho de pensar para a frente", disse Lula durante visita à Nigéria.

Dentre os componentes do PIB, foi o investimento que mais impulsionou a economia brasileira no período julho-setembro. Cresceu 2,5%, após uma leve queda de 0,2% no trimestre anterior. "Vários fatores contribuíram para o aumento do investimento. Os juros mais baixos, o crescimento do crédito para as pessoas jurídicas, a expansão da construção civil e, principalmente, a importação de bens de capital (máquinas e equipamentos)", explicou Rebeca Palis, gerente de contas trimestrais do IBGE. A demanda interna, medida pelo consumo das famílias, cresceu 0,5% no 3º trimestre, um recuo em relação à alta de 1% registrada no período anterior.

Embora venha perdendo força, a agropecuária apresentou a mais alta taxa de crescimento entre os setores que compõem o PIB, com elevação de 1,1%. No entanto, de acordo com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, o campo deve contribuir de forma negativa para o PIB neste ano (leia texto na página 12). A indústria, que responde por 40% do índice total, saiu de um estagnação no 3º trimestre para uma alta de 0,6% no período julho-setembro. Os serviços cresceram 0,4%, seu pior desempenho no ano.

Após a divulgação, muitos economistas revisaram para baixo suas projeções para o ano, caso da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), que baixou de 2,8% para 2,7%. "Infelizmente, não surpreendeu ninguém. O último trimestre terá al-



guma recuperação, mas nada que possa levar o PIB do ano para mais de 3%. Na verdade, deve ficar abaixo disso", confirmou o economista-chefe do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Edgar Pereira.

Para ele, nem mesmo o crescimento de 2,5% nos investimentos é suficiente para animar o paciente. "O aumento é um dado positivo, mas centrado na construção civil, o que não representa necessariamente maior capacidade produtiva", reclamou o economista, para quem a indústria não está estimulada a investir no aumento de produção. "O investidor percebe que as taxas de ju-

ros continuam altas e que a economia não cresce, então as expectativas se deprimem."

Carga pesada

Para o secretário do Tesouro Nacional, Carlos Kawall, um dos motivos para o baixo crescimento é a alta carga tributária. "Há um reconhecimento de que a carga é excessiva e, por isso, disfuncional, do ponto de vista do crescimento", afirmou. No entanto, descartou uma "queda vertiginosa" da carga, cuja redução estaria vinculada ao maior controle dos gastos correntes. "É preciso melhorar o desenho e promover a redução da carga de forma cautelosa, porque não há

espaço para cortes drásticos."

De acordo com técnicos do IBGE, o último trimestre precisa ter crescimento de 5,2% sobre o mesmo período do ano passado para assegurar uma expansão de 3,2% no PIB — previsão feita pelo governo. "Não podemos descartar, mas ficou difícil de chegar até os 3%", afirmou Maia.

O economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio, Carlos Thadeu de Freitas Gomes, projeta uma alta de 2,9% para este ano. "O ritmo de crescimento do PIB está melhorando, mas podia ser maior se a taxa de juros fosse menor. Com uma inflação tão baixa o juro real continua muito alto,

próximo de 12% ao ano", ponderou. No entanto, Gomes aposta em um fim de ano aquecido, apesar do alto endividamento dos consumidores. "O quarto trimestre está indo bem. Tudo leva a crer que o PIB em 2007 pode crescer 4%, mesmo sem as reformas", arriscou. Para o ex-diretor do Banco Central Carlos Eduardo de Freitas, a impressão é de que a atividade econômica está retomando um passo mais acelerado. "Os indicadores de longo prazo mostram um crescimento moderado, sem ameaça à estabilidade econômica", afirmou.

COLABORARAM RICARDO ALLAN E EDNA SIMÃO

O QUE ELES DISSEERAM

"EU JÁ NÃO ESTOU MAIS PENSANDO EM 2006; AGORA ESTOU PENSANDO EM 2007, 2008, 2009 E 2010. TENHO DE PENSAR PARA A FRENTE"

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República

"FOI UM POUCO DECEPCIONANTE. ESTE ANO NÃO VAI SER BRILHANTE, MAS EM COMPENSAÇÃO VAMOS PASSAR DE 2006 PARA 2007 COM A ECONOMIA EM AQUECIMENTO"

Guido Mantega, ministro da Fazenda

"TODOS NÓS GOSTARÍAMOS QUE TIVESSE SIDO UM RESULTADO MAIOR, MAS ISSO JÁ ACONTECEU. NÓS VAMOS DISCUTIR O QUE VAI ACONTECER"

Paulo Bernardo, ministro do Planejamento

"NÃO PODEMOS DEIXAR QUE A MÉDIA DESTE ANO CONTAMINE O ANO QUE VEM. QUEREMOS ENTRAR O INÍCIO DO ANO COM TRAÇÃO E VELOCIDADE"

Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

"A GENTE TEM QUE AVANÇAR NO DEBATE DA POLÍTICA ECONÔMICA E FISCAL. NÃO ACREDITO QUE O CRESCIMENTO VIRÁ MERAMENTE DA QUEDA DA TAXA DE JUROS"

Carlos Kawall, secretário de Tesouro Nacional